



MATERIAIS PARA O FIM DO MUNDO

[extra-série]

Libretos

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

LIBRETOS

MATERIAIS PARA O FIM DO MUNDO – extra-série

Março 2018

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA

WWW.ILCML.COM |

VIA PANORÂMICA, S/N

4150-564 PORTO

PORTUGAL

E-MAIL: ilc@letras.up.pt

TEL: +351 226 077 100

CONSELHO DE REDACÇÃO DE LIBRETOS

DIRECTORES

ANA LUÍSA AMARAL

ANA PAULA COUTINHO

GONÇALO VILAS-BOAS

ROSA MARIA MARTELO

ORGANIZADOR DO LIBRETO Nº 14

PEDRO EIRAS

AUTORES

ANDRÉ VALENTIM ALMEIDA

ASSISTENTE EDITORIAL

LURDES GONÇALVES

CAPA

Fotograma do filme *Dia 32* de André Valentim Almeida

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

VERSÃO ELECTRÓNICA

ISBN 978-989-99999-3-0

DOI: 10.21747/9789899999930/fimdomundoexs

OBS: Os textos seguem as normas ortográficas escolhidas pelos autores. O conteúdo dos ensaios é da responsabilidade exclusiva dos seus autores.

© INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA, 2018

Esta publicação é desenvolvida e financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico “UID/ELT/00500/2013” e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE “POCI-01-0145-FEDER-007339”.



UID/ELT/00500/2013



POCI-01-0145-FEDER-007339



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Crescimento
Emprego e Inovação



Nota de abertura

No dia 21 de Dezembro de 2012, a expectativa de um fim do mundo – tão espectacular quanto improvável – foi vivida à escala planetária. Entre terrores genuínos e um irónico ambiente de festa, a data fatídica passou sem incidentes, e profecias de novas datas para uma destruição do planeta começaram imediatamente a surgir.

O que é o fim do mundo? Um juízo universal da humanidade, conforme dizem os textos vetero- e neotestamentários? Uma catástrofe ecológica, global e iminente, provocada pelo homem? A alegoria de um mundo que perdeu as suas (meta)narrativas, vogando sem verdade e sem destino, após Auschwitz e Sarajevo? O pretexto para a sedução do espectáculo, entre filmes-catástrofe e um delicioso imaginário da destruição? Ou o confronto de cada qual com a sua morte própria? Por que nos fascina e aterroriza este tema milenar, nunca resolvido – e o que temos a ganhar com a exploração do nosso próprio terror?

Para estudar o imaginário do fim do mundo, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde 2013, uma série de seminários abertos, coincidindo com os equinócios e os solstícios. Os libretos *Materiais para o Fim do Mundo* recolhem alguns ensaios apresentados nesses seminários, ou textos afins.

O último seminário da sexta série, em 14 de Dezembro de 2017, no Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi constituído pela projecção do filme *Dia 32*, de André Valentim Almeida, e por um debate com o realizador. *Dia 32*, estreado a 6 de Maio de 2017 no festival de cinema internacional IndieLisboa, propõe-se como uma “arca de imagens” capaz de resistir ao fim do mundo. Explorando o cruzamento das linguagens do ensaio e do diário íntimo, André Valentim Almeida parte de catástrofes naturais – com o Furacão Sandy como catalisador – para uma dupla deriva: a ameaça da destruição, mas também o poder da imagem como registo. Da mão que tenta tocar o mundo através de imagens num ecrã até às sequências de filmes clássicos em *rewind*, *Dia 32* tematiza – contra o mero aniquilamento – a importância da memória, daquilo que sobrevive. Este libreto, *Materiais para o Fim do Mundo, extra-série*, inclui o guião integral do filme, arca de imagens contra o fim do mundo.

Pedro Eiras

CRÉDITOS INICIAIS: parte 1/2

para a Avó

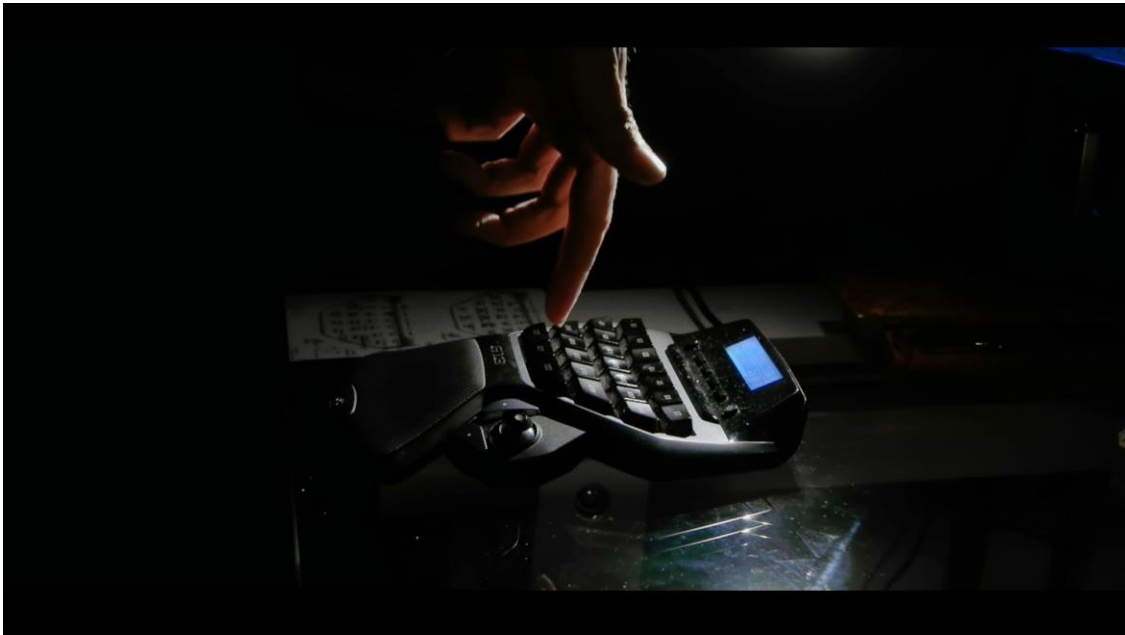
Este filme documenta a criação de uma arca de imagens dirigida a uma espécie inteligente futura que sobrevenha à nossa, e é feito de fragmentos do que pensei e li, do que filmei e vi, de 2012 a 2016.

Um profundo agradecimento a todos,
vivos e mortos.

Ponta Delgada, 2017

PRELÚDIO

Cena 0.



[uma mão com o dedo em riste entra no plano, hesita antes de pressionar uma tecla da ilha de montagem; a mão faz vagamente lembrar a mão de Deus d'*A Criação de Adão* de Michelangelo]



[imagem de um cavalo a ser içado para um navio *au ralenti* retirada do filme *O Mar Transporta a Cidade* de Augusto Cabrita; ouvem-se muito breves excertos do *Quinteto para Cordas em Dó maior D. 956* de Schubert]

“Um príncipe ainda menino estava para sair a passear, e perguntaram-lhe:

– Vossa Alteza, prefere ir a cavalo ou de barco?

– Quero ir a cavalo e de barco – foi a resposta do príncipe.”

Hjalmar Söderberg, em *O Doutor Glas*.

CRÉDITOS INICIAIS: parte 2/2

Ventura Filmes

apresenta

com o apoio

Direcção Regional da Cultura

Fundação Calouste Gulbenkian

um filme de

André Valentim Almeida

DIA 32

PARTE I. DO FIM

Cena 1. Momento Inicial/Nova Iorque



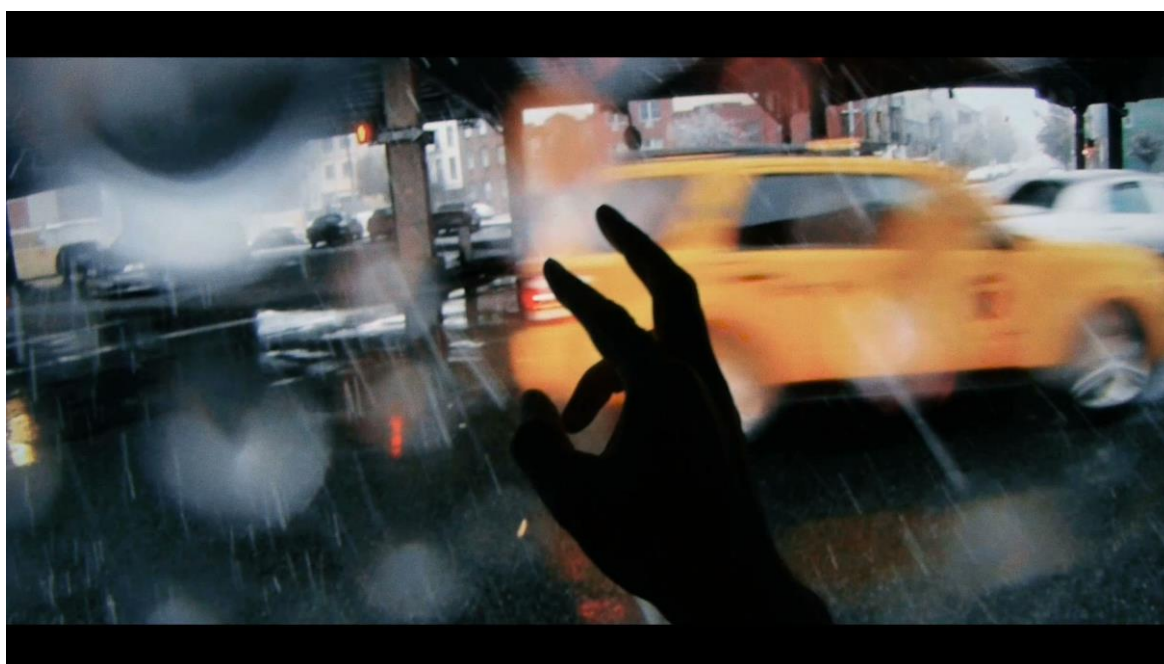
[câmara subjectiva (GoPro) montada em bicicleta nas ruas de Nova Iorque em dia de neve; ouve-se o *Quarteto de Cordas nº 13 B Opus 130 Cavatina* de Beethoven e a *Voz Off* tem início]

Terá chegado em 2012 / quando pedalava sobre alcatrão e neve / e ouvia o *Quarteto de Cordas 13 Opus 130* nos *phones*. Nova Iorque aguardava a chegada do Furacão Sandy, e a ideia do Fim do Mundo chegou até mim.

[ouve-se o som de teclas da ilha de montagem, que a cada pulsar faz transitar para um novo quadro/momento das ruas de Nova Iorque]

Chegou neste momento aqui.

Talvez aqui.



[a mão do realizador entra no plano e tenta tocar as (suas) imagens no ecrã da ilha de montagem]

Ou chegou noutro dia qualquer porque a memória é feita de lapsos e sombras. Olho para as imagens / e chego a duvidar que tudo isto aconteceu comigo: frio, cidade, bicicleta.

[retoma a metragem “normal”]

A roda girava a caminho do supermercado. Inexperiência ou medo, fiz uma lista de víveres criteriosa, e passei-a a computador e tudo.

Mas não era só o furacão que se aproximava: a profecia maia de fim do mundo vinha logo a seguir. Eram razões de sobra para temer o fim, mas dava-me a ideia de ser o único a pensar nele / quando olhava em redor.



[ouve-se o som de teclas da ilha de montagem, que a cada pulsar faz transitar para uma nova figura humana, até se concentrar numa que avança sem medo pela rua]

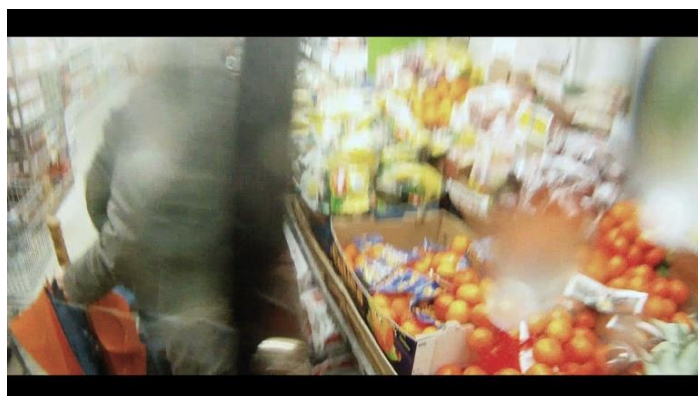
Talvez ele.

[a bicicleta é encostada e o realizador dirige-se a um supermercado]



[realizador faz uma festa a um cão que aguarda o dono no exterior do supermercado]

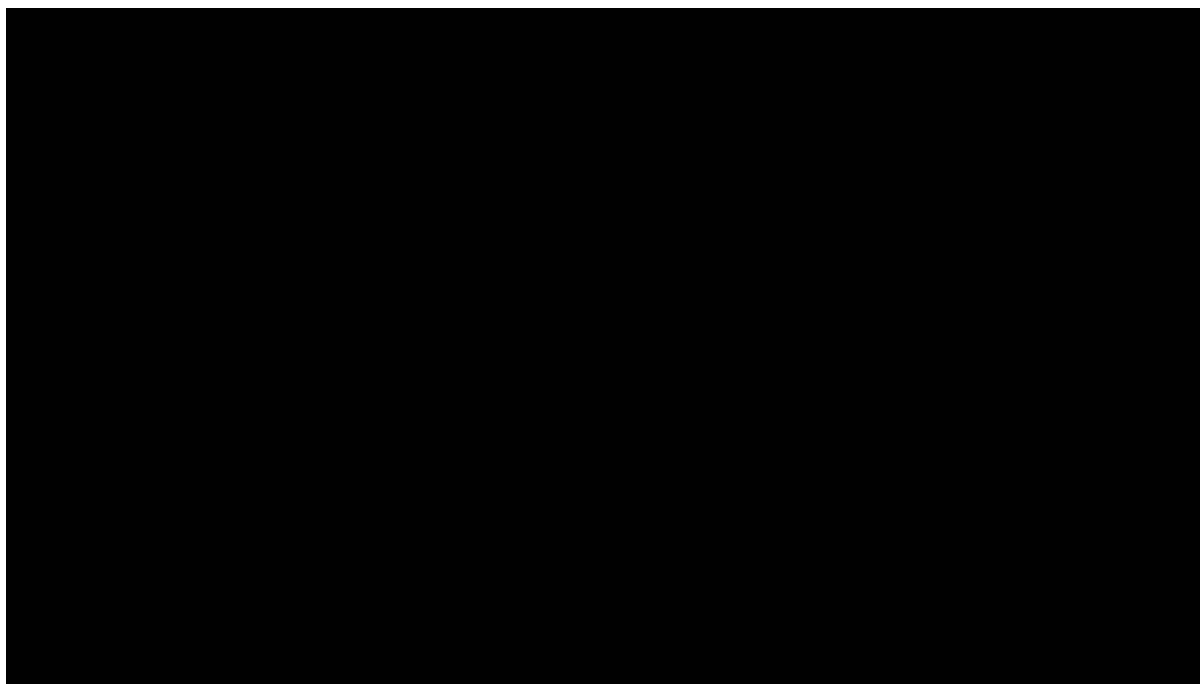
Sou alérgico.



[a imagem pára/pausa à entrada do supermercado]

Entre embalagens de *I can't believe it's not butter*, terei pensado se isto do Fim chega até nós / ou se está adormecido à espera de acordar.

Cena 2. Noite do Furacão Sandy



[imagem a negro; ouve-se sons de furacão]

A Noite do Furacão chegou. Desliguei as tomadas elétricas ao aviso de cuspirem lume.

Eco. eco. eco.

Pensei ligar uma lanterna, mas uma lanterna não ilumina quase nada, e força-nos a ver quanta escuridão há à nossa volta. [NOTA: inspirado na frase que Faulkner terá escrito, mas que Javier Marías separou, citando-a: “O que a literatura faz é o mesmo que um fósforo no meio de um campo em plena noite. Um fósforo quase nada ilumina, mas permite-nos ver quanta escuridão há à nossa volta.”]

Embalado pelo vento, nunca adormeci tão cedo como naquela noite.

Cena 3. A destruição do Furacão



[imagens da destruição do Furacão Sandy; ouve-se *Kol Nidrei Opus 47* de Max Bruch]

Tudo isto aconteceu enquanto dormia?

Imagens de destruição, imagens de uma guerra passada ou futura: um ensaio do Fim do Mundo.

[NOTA: retirado de libreto *Materiais para o Fim do Mundo*, adaptado]



[a mão do realizador tenta tocar a imagem de bandeira semi-destruída dos EUA desfraldada ao vento]

“O Vento , esse, / não tem pai,
Porque ao princípio era o Vento,
O Vento / e não o Verbo.” [René Crevel]

Cena 4. Da procura de outros fins de mundo(s)



[o realizador sobe as escadas de casa e detém-se na janela a olhar o vento]

Pensar é como andar de bicicleta: quando se pára, cai-se. YouTube. Fim do Mundo, fins de Mundo, fins de mundos: com maiúsculas, minúsculas. Profecias que não cessam de falhar, de recomeçar, de acontecer. [Pedro Eiras em libreto *Materiais para o Fim do Mundo*, adaptado]

Imagens de Fim número um.



[imagens de fogo diversas: fogo florestal e urbano; a mão tenta tocar o fogo e reage ao calor imaginado]

“Que farei quando tudo arde?” [Sá de Miranda]

Talvez a pergunta contenha uma vontade de recomeço / num braseiro que é libertação, loucura, desejo. [Pedro Eiras em libreto *Materiais para o Fim do Mundo*, adaptado]



[Lava a escorrer]

Penso em Pompeia e no que restou da última noite. “De muitos pontos do Vesúvio cintilavam chamas e altos incêndios, acentuados pelas trevas da noite. (...) Ouviam-se gritos de mulheres, choro de jovens, brados de homens. (...) Muitos levantavam os braços para os deuses, outros tantos afirmavam que já não havia deuses, que aquela noite seria eterna, a última noite do mundo.” [Plínio, o Jovem]



[Estátuas de Pompeia]

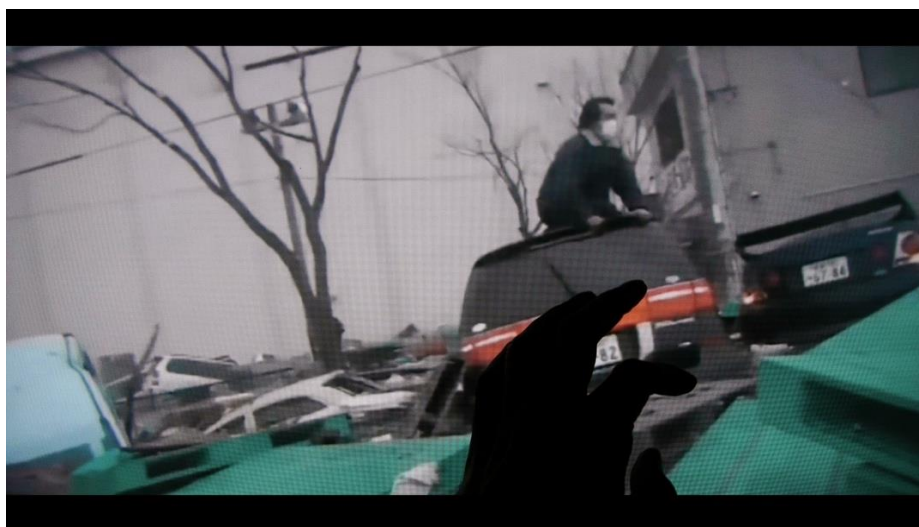
Quem disse que a obra está na pedra, e o escultor só a extrai?



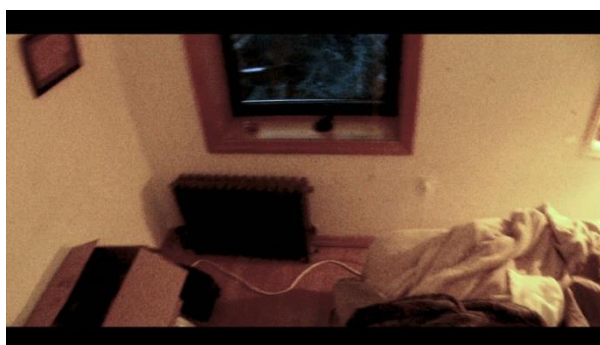
[imagens de Tsunami no Japão; ouve-se a *Sinfonia n.º 5* de Mahler]

Imagens de Tsunami no Japão, amparadas por Mahler.

Que fazer / quando tudo submerge?



[a mão do realizador tenta tocar os sobreviventes que navegam nos despojos]



[corta para janela de casa; o realizador afasta-se desta e entra na escuridão de um compartimento]

O fim enche as coisas de espanto, das cores / aos flocos de neve. Dá vontade de saber o nome de todas as árvores, e abraçá-las.

Fiz uma lista de coisas de que gostaria de gostar: cerejas, fumar, jogar dominó.



[imagens de testes nucleares]

Número quatro.

Ao ver a primeira bomba atômica ser detonada, Robert Oppenheimer pensou: “Now / I am become Death, the destroyer of worlds”.

Um pouco tardio, senhor Oppenheimer.



[Franz Reichelt salta da Torre Eiffel; ouve-se Chopin em movimento lento e melancólico]

Um último fim, à francesa.

O pioneiro dos pára-quedas, Franz Reichelt, testa o último modelo saltando da Torre Eiffel. É má ideia, e dá-me a sensação de que ele começa a concordar comigo. Connosco. Olha o abismo, hesita, mas é tarde para recuar / porque a câmara é soberana. 3, 2, 1, salta.



[Franz Reichelt salta e a imagem pára/pausa a meio da queda]

Toda a nossa espécie se renovou desde 1912, contrariando a arrogância de que o apocalipse tem de ser universal / quando o mundo já acabou para tantos, humanos e não humanos.

[um som de tecla dá continuidade à queda mas corta para a cena seguinte antes de Franz Reichelt tocar o chão]

Cena 5. Preparativos para o regresso (a Portugal)



[câmara subjectiva (GoPro) acompanha o realizador a encaixotar e emalar; ouve-se “Aquela Janela Virada Pró Mar” por Tristão da Silva]

Em matéria de profecias maia / sigo a regra de Almeirim para os melões: só depois de abertos é que se sabe. Tinha de tomar um último pequeno-almoço numa confeitaria portuguesa: pedir o de sempre, ler as notícias no jornal local, ouvir as queixas à vida na mesa do lado...

A crença do fim do mundo revela-se na forma como tratamos o presente. Há quem não pague as contas, se despeça com estrondo. Tanto quanto me lembro, aspirei até as frinchas do colchão.

[ouve-se uma tecla da ilha de montagem que estabelece um corte para negro]

Encaixotado e de malas feitas, regressei a casa, à praia da Barra.

Cena 6. Do regresso, ou Do Não Fim



[jogo de futebol amador nas areias da praia da Barra, Ílhavo]

A tribo dos Yanomami / acredita que o céu tem nas suas costas uma floresta / que cai sobre a Terra de tempos a tempos. Em cada queda, o fim de uns, e o início de outros.

[NOTA: Inspirado no artigo de Pedro Neves Marques *Look above, the sky is falling: Humanity before and after the End of the World*]

Jogo ou filme?

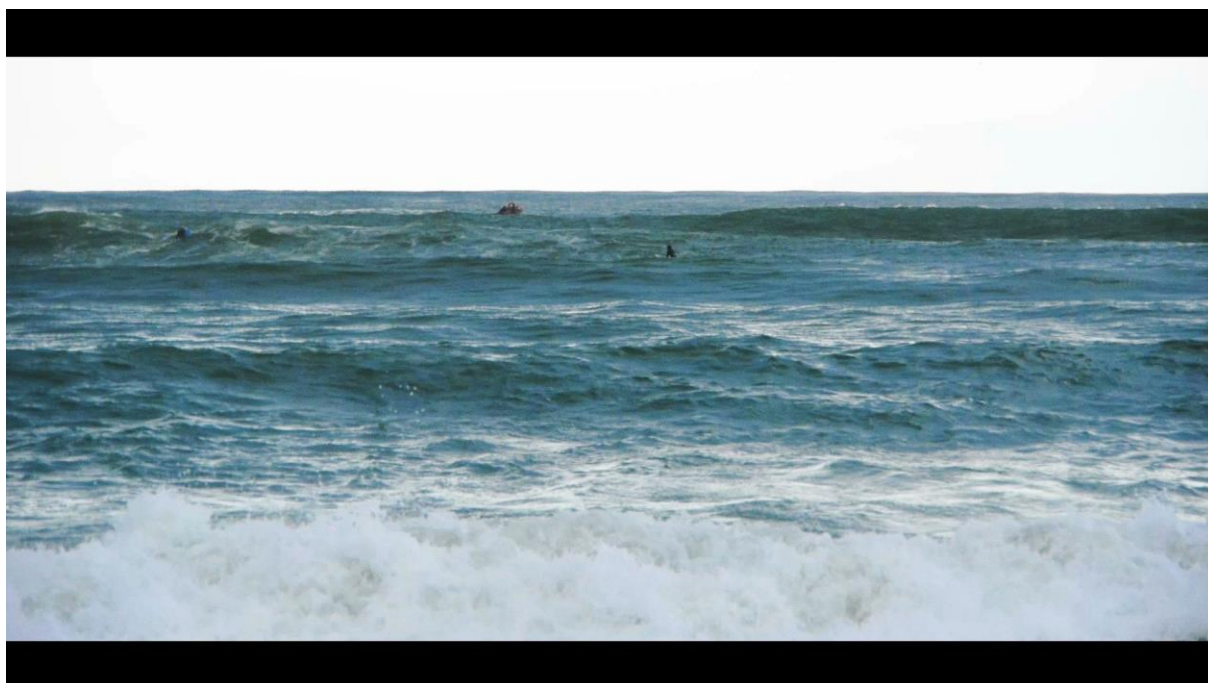
Sentia-me aconchegado como nunca senti na América. Seria das caras banais no paredão, da língua portuguesa. Ou talvez fosse o gordo ainda ir à baliza, e os golos festejarem-se de forma desajeitada, sem livro de estilo.



[jogador com tanga às riscas]

Este até veste tanga, e às riscas.

O aconchego que sentia era o insubstituível e inexplicável sentimento de casa, essa intimidade com tudo o que olhar alcança. Ao sentir o cheiro do golo falhado, do peixe na grelha, pensei como Raul Brandão:

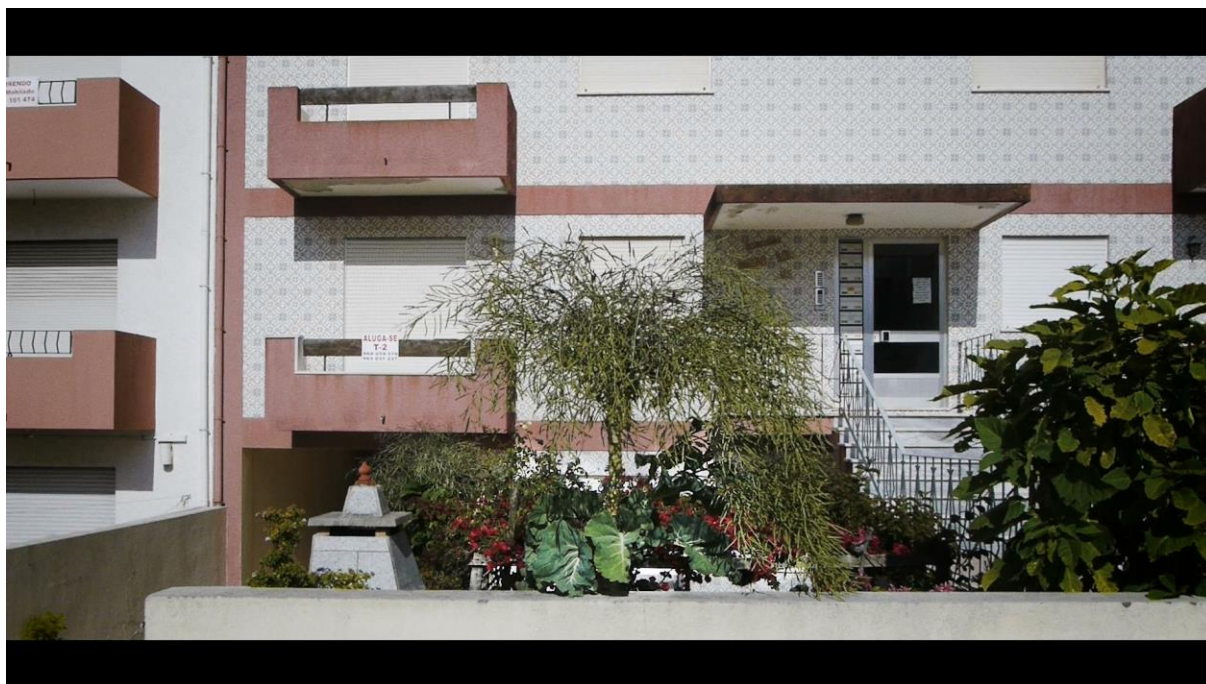


[imagens de pescadores e surfistas no mar, que aparecem e desaparecem por acção da ondulação]

“nunca Londres ou a floresta americana / me incutiram mistério que valesse o dos quatro palmos do meu quintal.” [Raul Brandão]

Os fins eram História. Ou assim pensava.

Cena 7. A Couve



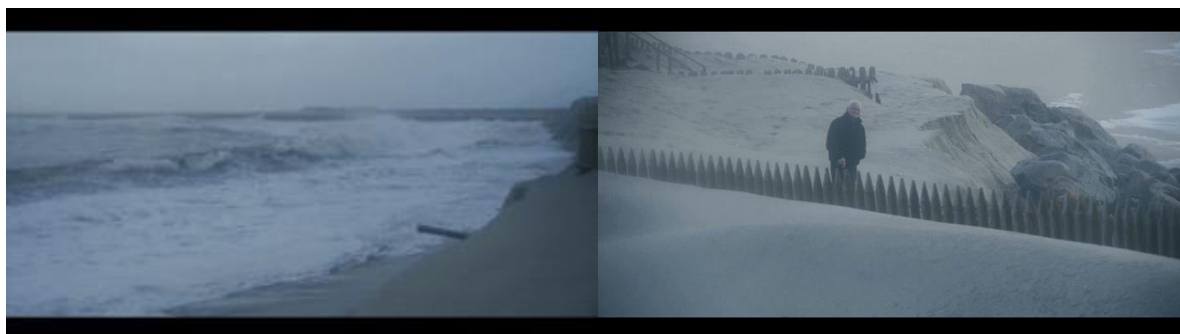
[enorme couve no jardim de um prédio]

Lia-se no jornal local:

“Ninguém diria que na avenida principal da praia da Barra (...) existem condições para uma couve-galega atingir os três metros e meio de altura. Mas é verdade / e fotografámos para que os leitores possam ver.” [jornal Diário de Aveiro]

Uma couve destas nunca nasce ao acaso, e era como se quisesse inscrever aquele tempo nalguma coisa.

Cena 8. Da Destruição, de novo



[tempestade/ondas a açoitar a praia da Barra]

Ainda não sei o que me move, o que nos move: talvez um estranho desejo de desordem, ou a lembrança da nossa própria mortalidade. Proust disse que os relógios interiores distribuídos aos homens não marcam todos a mesma hora, mas ali estávamos em sincronia, a olhar um fim.



[casal a olhar os efeitos da destruição]

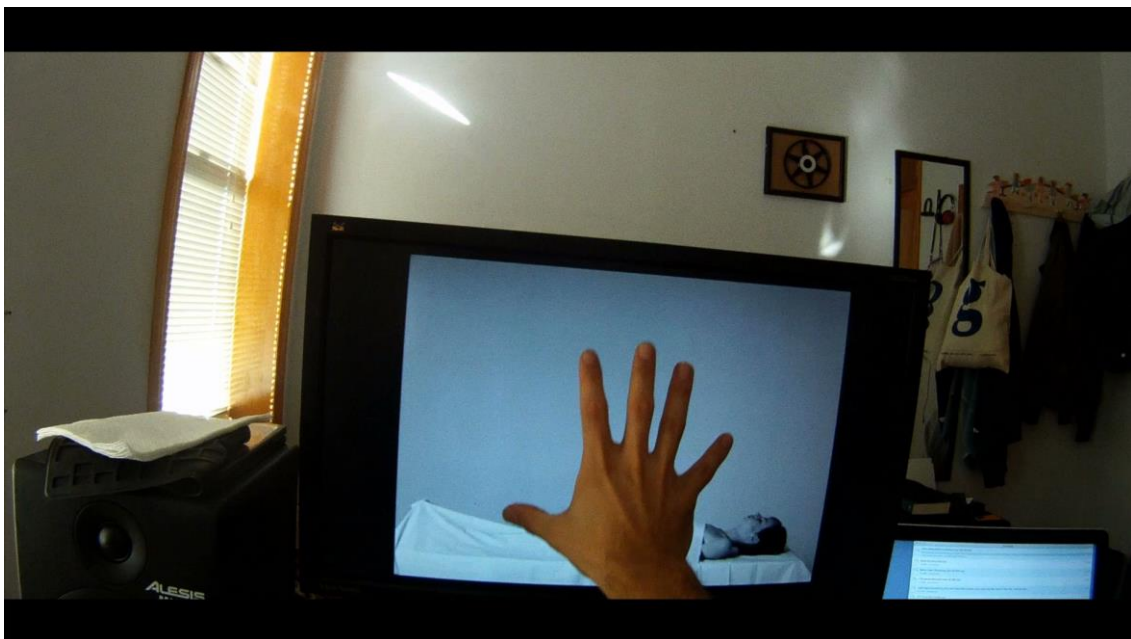
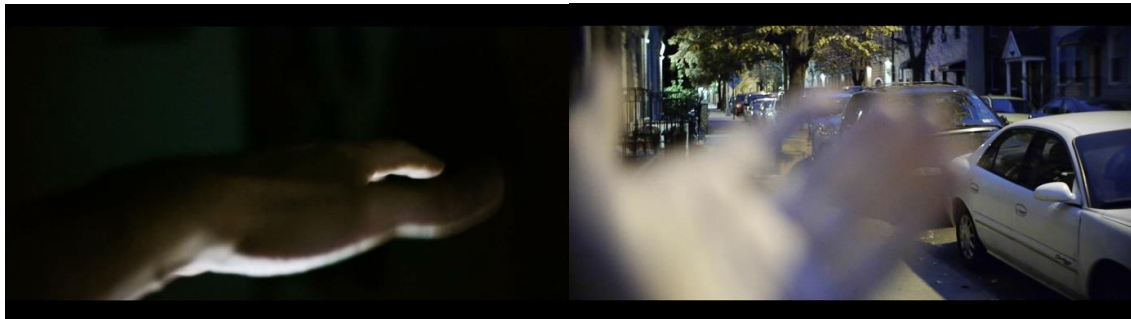
Ao filmar um casal / lembrei-me do dedo da Madelaine de Hitchcock / a deslizar entre dois anéis concêntricos de uma árvore, enquanto dizia: “Aqui eu nasci”... “e aqui eu morri”. [NOTA: inspirado no texto de *Sans Soleil* de Chris Marker]

Cena 9. Do dedo indicador



[imagens pixelizadas de gente a apontar a violência do mar e os efeitos da destruição]

Dizem que o Homem evoluiu graças ao polegar, mas começo a pensar que foi o indicador. Apontar é intrínseco, fisiológico, inelutável.



[a mão do realizador em movimento em várias situações, tanto na própria imagem como na ilha de montagem sobre estas]

As mãos são um milagre. Distraio-me a filmá-las, e surgem inesperadas mais tarde. Perco-me também a filmar mãos de outros.



[a mão do realizador toca imagens de mãos de outras pessoas]

Mas as mãos impregnadas de beleza também se mancham de sangue.



[a mão do realizador em forma de arma mata uma girafa, e dispara o canhão de tanque de guerra]

Há quem defenda estarmos entrados na sexta extinção em massa do planeta, e sem a ajuda de meteoritos ou erupções. E desengane-se quem pensa que estamos a salvo: as alterações climáticas são um fim real, e o engolir da Barra é só o começo.



[regresso ao casal, que olha um navio cargueiro no meio da tempestade]

Não me perguntem como ou porquê, não sei, mas decidi fazer uma arca de imagens dirigida à próxima espécie inteligente. Uma cápsula do tempo, do nosso tempo. É uma ideia estúpida, bem sei, mas é ainda mais estúpido não haver uma arca.

Quem virá a seguir? O que querem saber de nós?

PARTE II. DAS IMAGENS

Cena 10. Compilação de Imagens I

[sucessão de imagens que transitam ao som das teclas da ilha de montagem]

10.1. Cavalo de Eadweard Muybridge



[imagem de cavalo a galope de Eadweard Muybridge]

Imagem de cavalo a galope.

10.2. Bicicletas de Lumière



[bicicletas de Lumière]

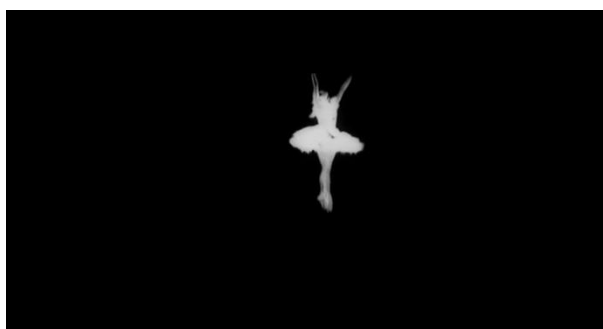
Bicicletas de Lumière.

10.3. Comboio de Lumière



[comboio de Lumière]

10.4. Anna Pavlova



[Anna Pavlova a dançar]

A Anna Pavlova. Foi-lhe dito que só uma cirurgia a salvaria de uma pneumonia, mas que não poderia mais dançar. Escolheu a dança.

10.5. Avião



[avião: exterior e interior]

Aviões.

10.6. Voyager



[lançamento das Voyager; ouve-se *Morning Star + Moikoi* (música incluída no disco de ouro da Voyager)]

Lançamento das sondas Voyager em 77. Carregam discos de ouro com imagens e sons da Terra, e a música que se ouve segue com elas.

10.7. Michael Jordan



[salto de Michael Jordan *au ralenti*]

10.8. 9/11



[falling man]

10.9. Costa Concordia



[naufrágio do navio Costa Concordia]

O Costa Concordia, onde Godard filmou o *Socialismo*.

10.10. YouTube



[mulher de *bikini* a disparar uma arma]

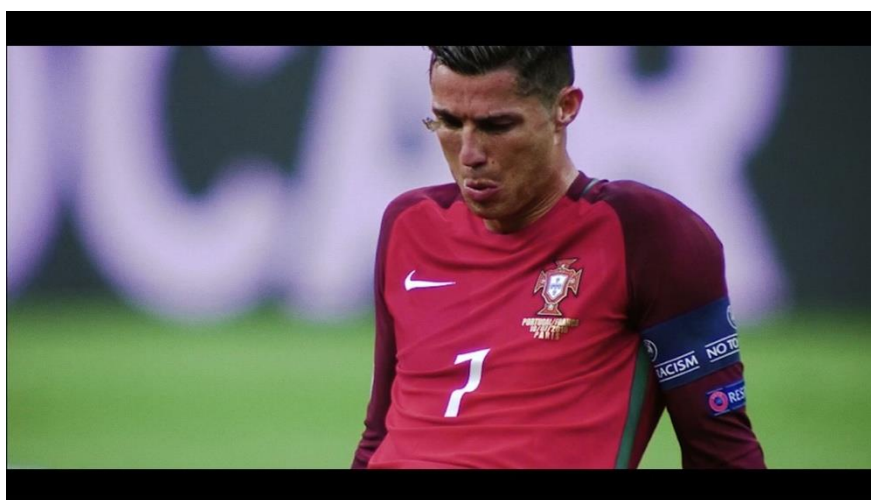
De acordo com Griffith, tudo o que era necessário para fazer um filme era uma mulher e uma arma, mas isso foi antes do *YouTube*.

10.11. Futebol



[imagens *au ralenti* do golo da vitória de Portugal na final do Campeonato Europeu de Futebol de 2016]

Dizem que o tempo histórico é determinado por guerras, descobertas e revoluções, mas na realidade é determinado pelo tempo dos grandes jogadores.



[traça a pousar na cara do Ronaldo durante a final do Campeonato Europeu de Futebol de 2016]

Mas até onde é verdade o que fixamos em imagens? O golo foi real? Quer a traça alertar-nos para algo que não conseguimos compreender?

Cena 11. Da Natureza cíclica (e dos fins de tarde)



[imagens do café *Offshore* a ser desmantelado e outras cenas quotidianas durante a recuperação da praia (crianças a brincar numa duna; camiões a repor a areia...)]

O velho Café *Offshore* não resistiu à fúria do Mar, e filmámos aquele tempo para não esquecer.



[o realizador deixa-se cair de uma duna]

Todo o realizador tem direito a uma cena que é só sua.

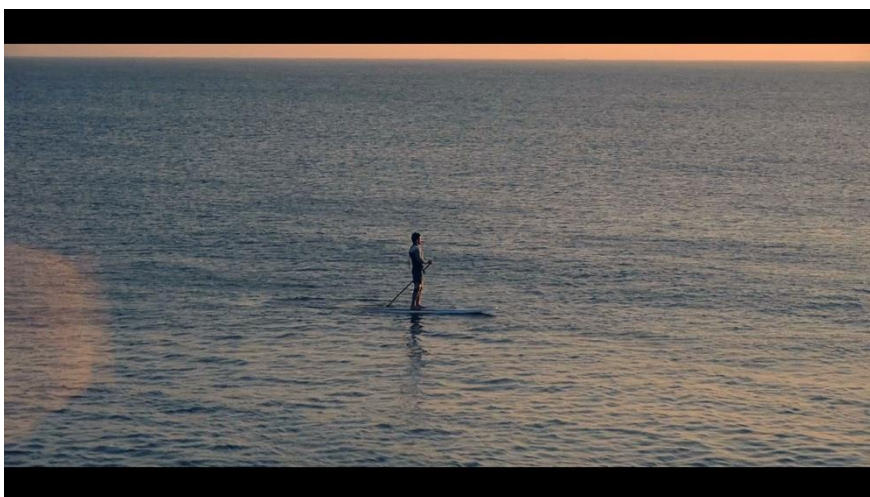
Mas havia uma coisa que ainda faltava à arca, e a hora aproximava-se.

Repara:



[imagens crepusculares de final de tarde na praia da Barra; ouve-se o *Quarteto de cordas nº 15 Opus 132* de Beethoven]

“O jorro que vem do mar parece lava fundida.” [Raul Brandão]



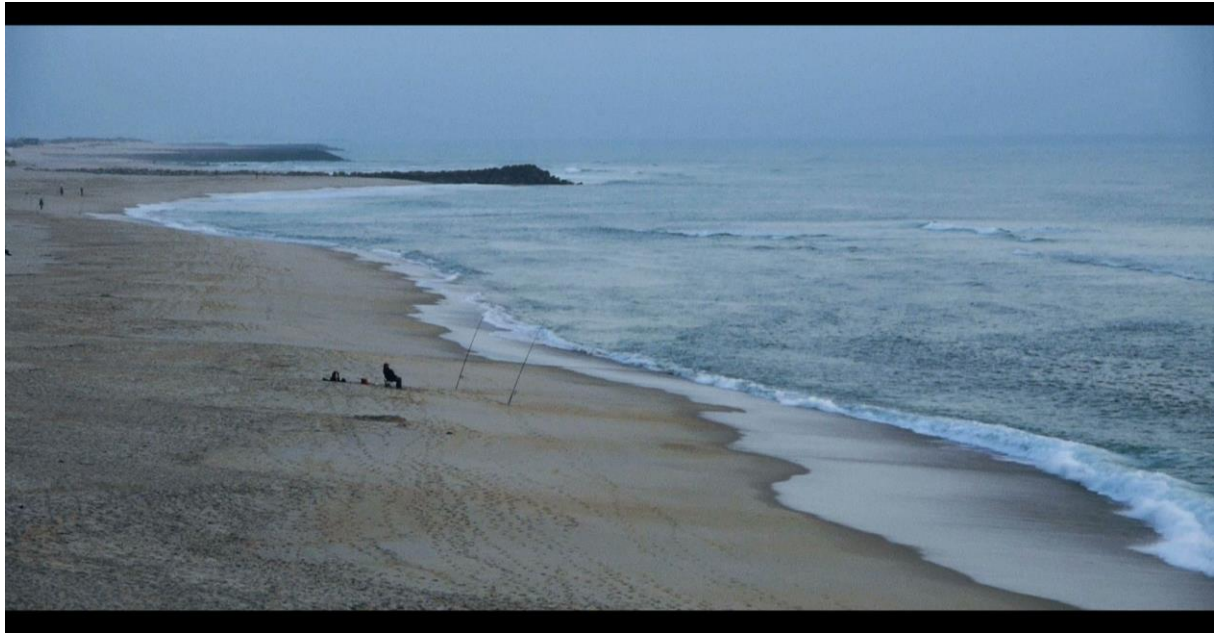
“O poente avermelha as areias e acende na água um rasto de estrelas.” [Raul Brandão]



“Lá no fundo / incendeiam-se os borrões violetas das nuvens.” [Raul Brandão]



“Em dias de luz exacta / em que as coisas têm toda a realidade que podem ter” [Alberto Caeiro], a nossa natureza volta a ser pulsátil.



“Escurece. É o momento em que a luz desmaia, em que a cor é transparência e a Natureza se esvai entontecida. As tintas são pó de tinta, os montes são fantasmas, e os rios um grande lago azul.” [Raul Brandão]



“O mundo não existe – o mundo é a luz, e amanhã regressará de novo.” [Vergílio Ferreira?]

Cena 12. Das Trevas – Compilação de Imagens II



[praia da Barra à noite com traço de luz do farol; vê-se o *Offshore* destruído]



[sucessão de imagens de catástrofes naturais; ouve-se o poema “Trevas” de Lord Byron, escrito em 1816 quando o Monte Tambora cobriu os céus de cinzas e não houve Verão, originando “a última grande crise na subsistência no mundo ocidental” segundo o historiador John D. Post]

Nessa noite

“Tive um sonho, que não foi ele todo um sonho.

O sol luzente extinguiu-se, e as estrelas

Vagueavam, no escuro, pelo eterno espaço,

Obductas, sem rumo, e a gelada terra

Girava cega, enegrecendo-se no ar sem lua;

A manhã veio, e foi-se -e veio, mas dia não trouxe,

E os homens esqueceram as suas paixões no temor

Desse seu desamparo; e todos os corações

Se gelavam numa egoísta súplica por luz:

(~~E junto a fogueiras viviam – e os tronos,~~

~~Os palácios de reis cingidos de coroa – as cabanas,~~

~~Todos os sítios habitáveis,~~

~~Tornados ignescentes atalaias;)~~ cidades foram consumidas,

E os homens juntaram-se em redor de casas em chamas,

Para olhar uma vez mais o rosto uns dos outros;

~~Felizes aqueles que habitavam o olho~~

~~Dos vulcões, a sua luz alpestre:~~

~~(O mundo inteiro em temerosa esperança contido;)~~

~~Incendiaram-se florestas – mas, de hora a hora,~~

~~Tombavam e morriam – e os crepitantes troncos~~

~~Extinguiam-se com um estrondo – e tudo tornava ao escuro.~~

~~(As fronteiras dos homens, a desesperante luz,~~

~~Ganhavam um aspecto medonho, bruxuleantes~~

~~As labaredas iluminavam-nos;)~~ alguns prostavam-se

E tapavam os olhos e choravam; outros

Os punhos cerrados no queixo pousavam, e sorriam;

Outros, ainda, de um lado para o outro corriam, alimentando

As piras funerárias, e olhavam,

Loucos de inquietude, para o céu írrito,

~~Mortalha de um mundo que se finara; e,~~

Praguejando, de novo se lançaram ao pé,
~~(Rangendo os dentes e gemendo: (os pássaros selvagens guinchavam,~~
~~E, aterrados, prostravam-se no solo,~~
~~Agitando as inúteis asas;)~~ (mansas e receosas
~~As mais ferozes feras);~~ (víboras rastejavam
~~E enroscavam-se no meio da multidão,~~
~~Sibilando, mas inermes—eram mortas para alimento:)~~
E a Guerra, que por momentos não mais era,
De novo se fartava; uma refeição comprava-se
Com sangue, e cada um se mitigava soturnamente só,
Saciando-se na escuridão: nada restava do amor;
A Terra inteira encerrava um só pensamento - morte,
Imediata e inglória; e a tortura
Da fome as entranhas de todos consumia
(...)
As ondas estavam exaustas; as marés sepulcrais,
A lua, sua senhora, já antes expirara;
~~(Os ventos murcharam no ar estagnante,~~
~~E as nuvens dissiparam-se; a Treva não carecia já~~
~~Do auxílio delas—Ela era o Universo.)”~~
[Lord Byron]

[imagem corta a negro]

Decidi partir país fora em busca de mais imagens.

PARTE II. DA RECOLHA: VIAGEM

Cena 13. Cabo da Roca



[carro avança pela auto-estrada em câmara subjectiva (GoPro); ouve-se “Midnight City” dos M83]

Cabo da Roca, o ponto mais ocidental da Europa. Um fim de terra, ou o seu começo. Era notícia um casal polaco que caiu do Cabo / ao recuar para a fotografia.



[imagens de gente a fotografar(-se) o(/no) Cabo da Roca]

Filmar aquele que fotografa, será que desfaço algum arranjo cósmico?



[Cabo da Roca: homem protesta contra alguém que saltou a vedação de protecção]

“-Oh, palhaço, tira daí a mulher, pá! Só levar com um pau nos cornos ainda era pouco...!”

A mulher tenta acalmá-lo, dizendo-lhe que ele nada tem a ver com a situação.

“-Tem a ver, tem, é estúpido, isto está aqui não é para nada... Por isso é que aqui há tempo uma merdas caiu lá abaixo... Se fosse da polícia ou o caraças saltava já cá para dentro!”



[plano geral do Cabo; um casal aproxima-se para espreitar o desfiladeiro e fotografar]

“O problema do mundo”, já dizia Renoir, “é que todos têm as suas razões”. [Jean Renoir]

Próxima paragem: Cromeleque dos Almendres.

Cena 14. Avestruz



[carro avança por estrada do Alentejo em câmara subjectiva (GoPro), e pára quando o realizador avista uma avestruz; ouve-se “Ripped Open By Metal Explosions” de Galt Macdermot]

Uma avestruz.

Já cá andam desde o tempo dos dinossauros, e voavam!

Como é que resistem há tanto tempo?

Cena 15. Cromeleque dos Almendres

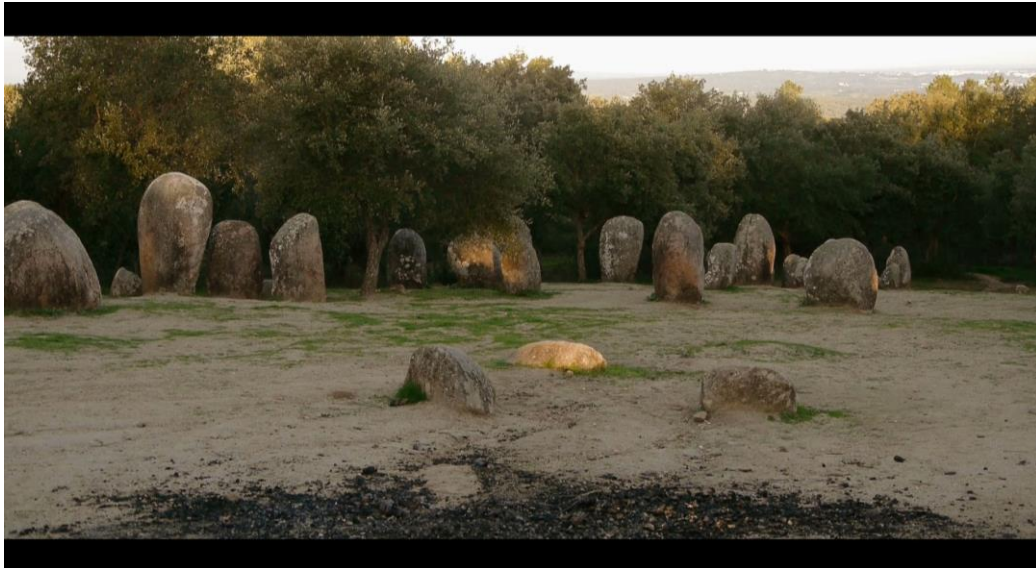


[o carro continua por uma estrada secundária de areia]

Aproximava-me do cromeleque. São 95 monólitos de pedra do neolítico orientados pelos astros. Imaginei-o antigo como as avestruzes, sendo que as avestruzes estão vivas / e as pedras estão mortas.



[Cromeleque dos Almendres. O realizador, a certo momento, toca no ecrã/monolito]



[a luz solar destaca um monólito]



[o carro regressa pela mesma estrada de areia ao final do dia]

“Onde quer que esteja, em qualquer lugar da Terra, escondo dos outros a certeza de que não sou daqui.

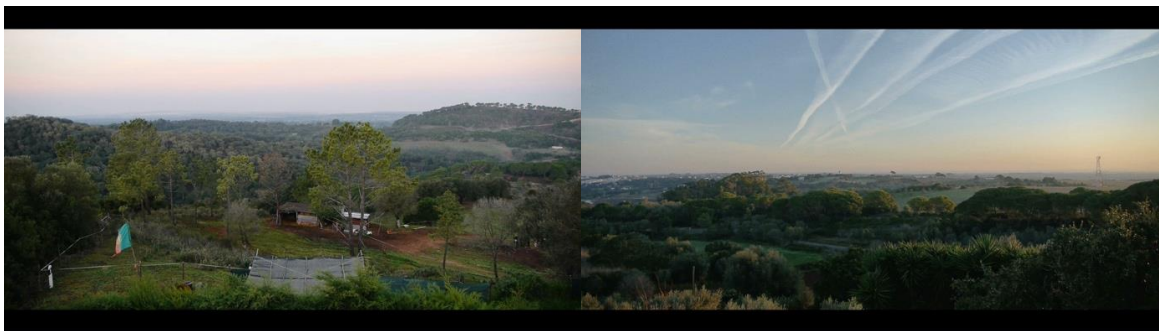
Como se tivesse sido enviado para absorver o máximo das cores, sons, cheiros, sabores, provar de tudo o que é reservado ao Homem, converter o vivido num registo mágico e levá-lo para lá, de onde parti.” [Czesław Miłosz]

Cena 16. Santiago do Cacém



[realizador dorme numa cama]

Um estudo diz que a luz de Santiago do Cacém / tem uma diferença singular entre as tonalidades do dia alto e as do crepúsculo, e faz também nota do tom raro do azul. Irei ver tudo isso amanhã, quando o Sol se erguer pela -ésima, -ésima vez. [Vergílio Ferreira, adaptado]

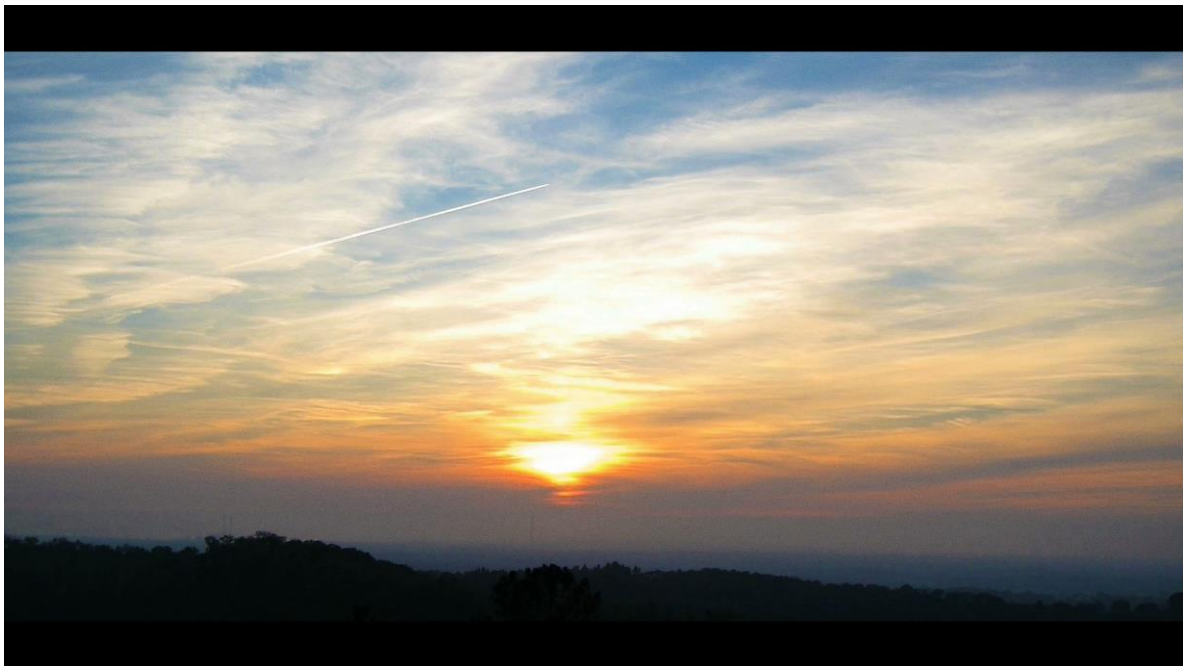


[amanhecer em Santiago do Cacém; ouve-se o realizador a trautear o fado “Foi Deus” de Alberto Janes]



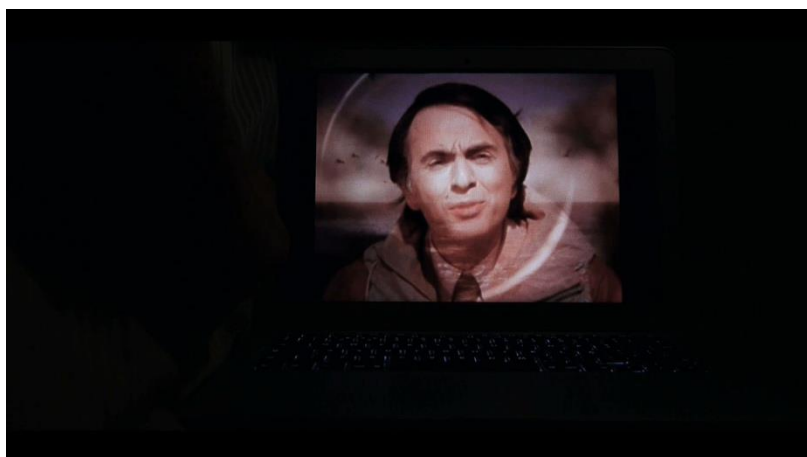
[entardecer em Santiago do Cacém; um animal recolhe ao estábulo]

A Franziska encontrou refúgio aqui, por entre animais, alfaias e luz opulenta.
Tive vontade de fazer o mesmo... um fim como libertação.



[pôr-do-Sol em Santiago do Cacém]

Fui para a cama cedo, dizem que é da luz.



[computador portátil na cama do realizador, onde Carl Sagan fala sobre o Sol num episódio da série *Cosmos*]

[o computador portátil é fechado e o quarto/quadro fica a negro]

Amanhã, Capela dos Ossos em Campo Maior.

Sabiam que a Voyager leva uma imagem de peixe português na grelha?

Cena 17. Capela dos Ossos de Campo Maior



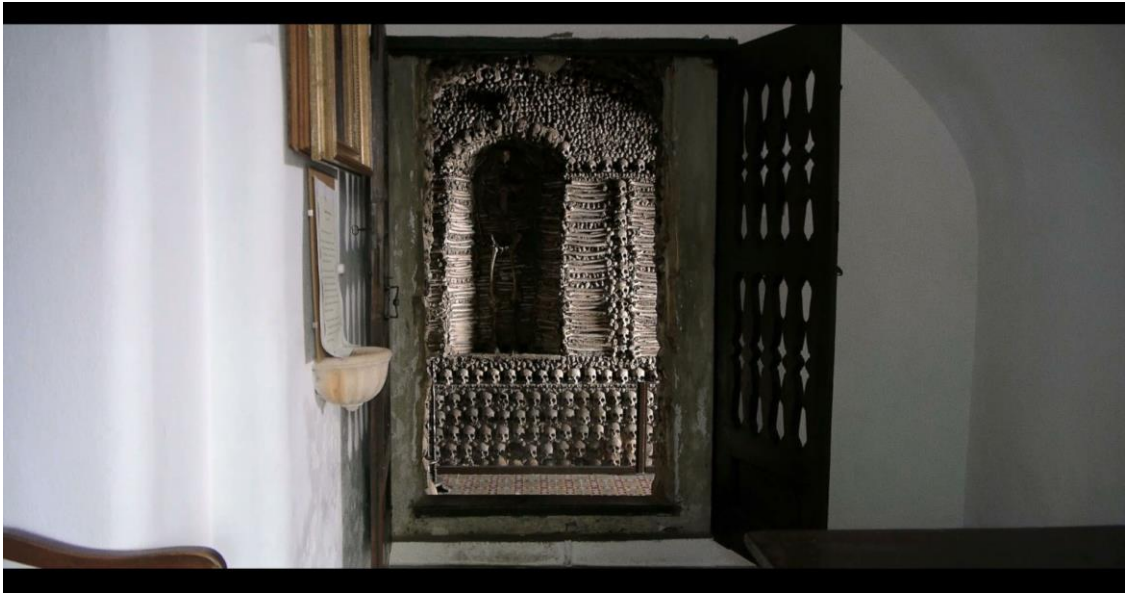
[mão no exterior de carro em movimento a navegar (n)o vento; ouve-se Chopin em movimento animado]



[música/plano pára abruptamente e corta para a Capela dos Ossos em Campo Maior, com realizador reflectido na janela]

Há duas questões que me perseguem: porque não há um carro movido a Chopin, e porque custa tanto parar uma música a meio.

Capela dos Ossos.



[interior da Capela dos Ossos]

Foi em 1732.

Um raio caiu sobre o paiol de munições da vila / que explodiu sem piedade, e seguiu-se um fogo abrasador. Dois terços da vila arderam nessa noite.

Ao ver os ossos dos que morreram, a ideia de fim como libertação perdeu fôlego.

Respirei fundo e entrei.



[interior da Capela dos Ossos; ouve-se o *Requiem (Agnus Dei)* de Hector Berlioz]



[a mão do realizador toca numa caveira]

“É estranho, não é? Como o coração arde, e arde... e de repente transforma-se em gelo.”

[George Eliot]



[a silhueta do realizador é reflectida num vidro do altar]

Reflectido no vidro em lápide de ocasião, empacotei a câmara o mais rápido que pude, e saí.

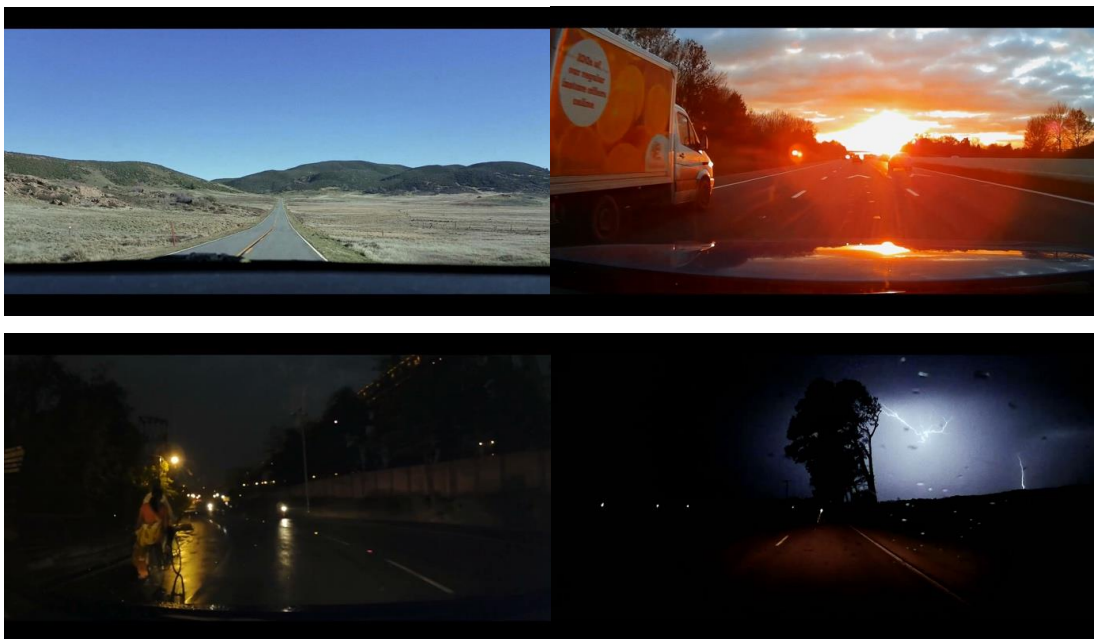
Cena 18. Da fuga



[carro avança pela estrada em câmara subjectiva (GoPro); ouve-se “Secret Hell” de dEUS]

Pensei em todas as civilizações que desapareceram: por guerras, por incúria, pelo clima. A morte pode saber-se de cor, mas nunca se aprende.

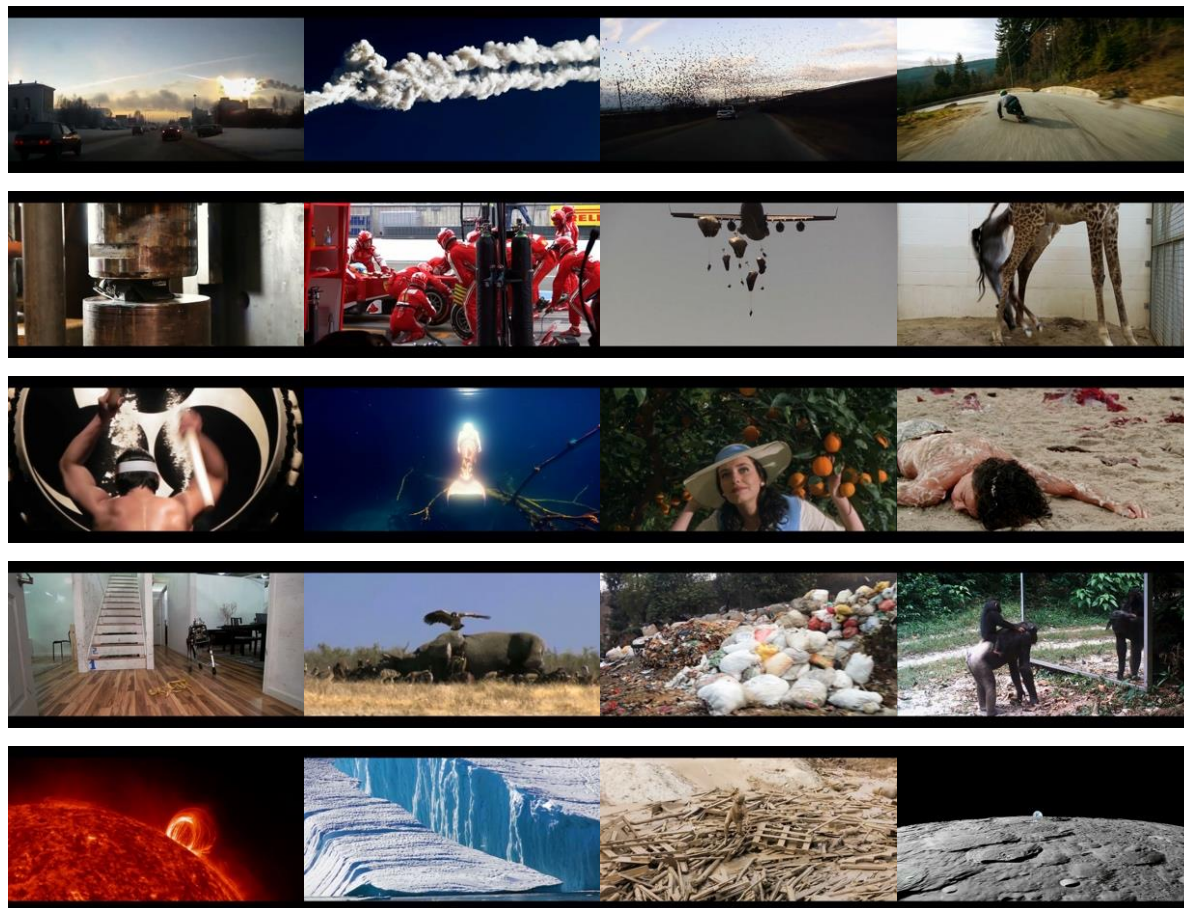
Duvidei da utilidade da viagem. Por mais quilómetros que se avance, por mais pontos marcados no mapa, os momentos singulares estão sempre numa outra estrada.



[sucessão de imagens de várias estradas em vários pontos do mundo em câmara subjectiva (GoPro) ao comando do som de teclas da ilha de montagem]

Cena 19. Compilação de Imagens III

[sucessão de imagens (algumas entrecortadas por negro) de natureza diversa, também ao comando do som de teclas]



[corta a negro]

Fui passar uma temporada aos Açores para visitar os meus sobrinhos, e filmar o Mundo Original enquanto existe.

**PARTE III – DO MUNDO ORIGINAL:
OS AÇORES**

Cena 20. O espanto dos Açores



[carro avança por estrada açoriana em câmara subjectiva (GoPro); ouve-se “Ó Tempo Volta para Trás” por António Mourão]

São Miguel dava-se à arca / e não conseguia parar de a filmar. Tudo era de uma beleza dolorosa, quase irreal.

Pedi ajuda a Raul Brandão, o padroeiro dos aflitos nas palavras. Acedeu a viajar comigo, na condição de mudar para a Antena 2.



[vários quadros dos Açores com diferentes tons de verde; *Ó Tempo Volta para Trás* é substituída pelas *Variações Goldberg BWV 988* de Bach]

“Todos os tons do verde estão aqui representados, cheios de viço e frescura -o verde-azul e derretido dos fundos, o verde-escuro dos lagos de inhames, o verde macio das

relvas, o verde negro das faias, (...). E este verde-sossegado insinua-se pouco a pouco e pacífica.” [Raul Brandão]



[vários quadros dos Açores com diferentes tipologias de nuvens]

E a arca já tem nuvens?, perguntou-me.

Aqui, “têm uma vida extraordinária, uma vida que não percebo bem! (...) Há-as escuras com claridades extraordinárias pelo lado de trás; há-as que viajam no céu com importância de deuses... (...) É o cinzento que predomina – mas um cinzento colorido onde bóiam cores húmidas” [Raul Brandão]

Seguimos viagem por montes e vales.

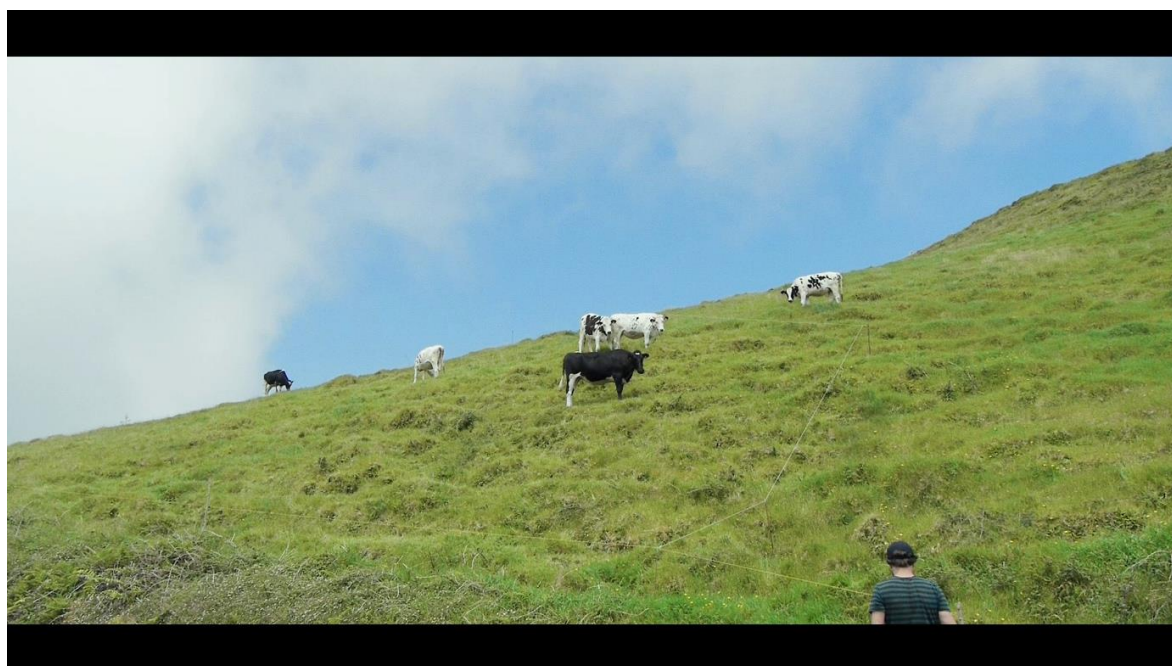


[carro cruza-se com criança que persegue cão em fuga]



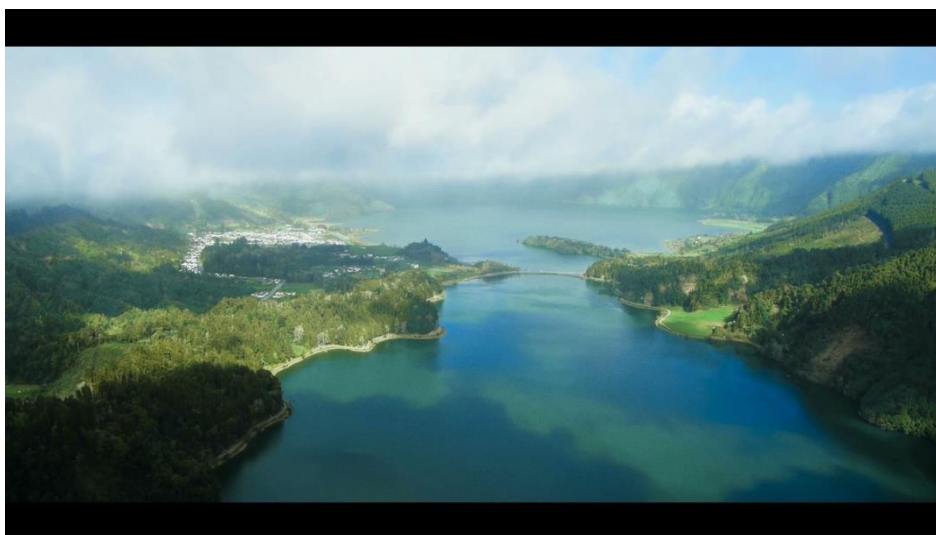
[vários quadros dos Açores com presença de vacas]

“É o paraíso das vacas: negras, amarelas, malhadas, com uma grande dignidade e o sentimento da sua importância, tomam o caminho (...). Outras afogam-se na erva tenra e comem e digerem, dormem e comem de dia e de noite, olhando quem passa com desprezo.” [Raul Brandão]



[o realizador entra no plano para recolher o microfone]

Raul Brandão é bom de palavras, mas dar uma ajudinha no som... ‘tá quieto!
Continuámos em direcção às Sete Cidades.



[plano geral da Lagoa das Sete Cidades]

“Pela primeira vez na minha vida não sei descrever o que vejo e o que sinto. Conheço os lagos voluptuosos de Itália e os lagos adormecidos da Escócia: o lago das Sete Cidades não se parece com nenhum que tenha visto. Existe ou sonhei esta água parada, esta grande cova selvática? (...) O tempo passa, os homens passam; só ali tudo está suspenso, na atitude fixa no momento do prodígio.” [Raul Brandão]

E dito isto, Raul Brandão desapareceu sem tempo para despedidas. E deixou-me só e às imagens.

Cena 21. Lagoa das Sete Cidades



[longo plano de pessoas a fotografarem-se junto à Lagoa das Sete Cidades]

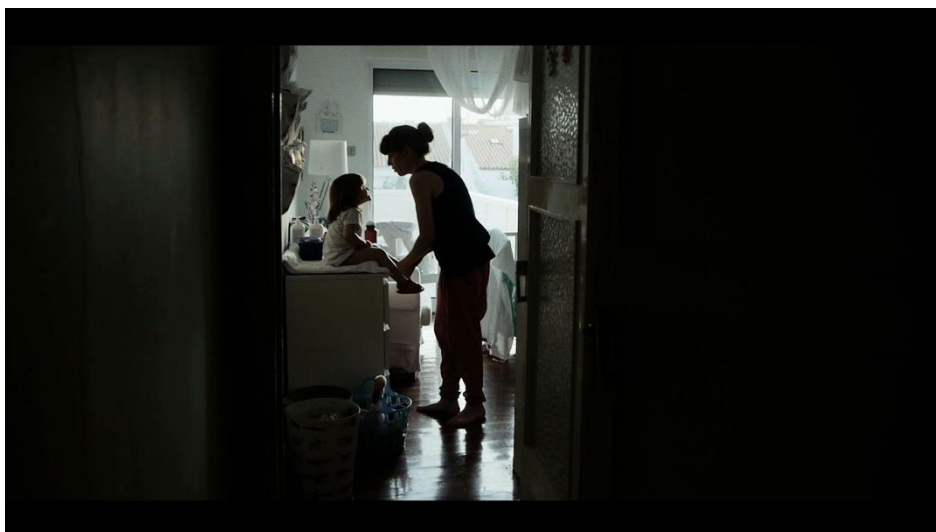
Cena 22. Temporal nos Açores



[vários quadros de Vento a levantar-se nos Açores, que termina num longo plano de um cavalo fustigado por uma tempestade]

PARTE IV. DA LIBERTAÇÃO

Cena 23. Fim de tarde



[quadro familiar em contraluz com mãe e filha]

As semanas e meses foram passando dolentes pelos Açores.



[plano de porta envidraçada tocada por criança]

O meu sobrinho João. Dizem que é parecido comigo, mas será diferente porque nasceu nesta paisagem.



[junta-se ao plano anterior outra criança]

A Ana.

Tenho pena de não ter nascido por cá como eles, onde se sentirão sempre em casa.



[vista de telhados de Ponta Delgada com o porto ao fundo, onde navega um navio]

Comecei a duvidar desta coisa de arca: faltava tudo. Só os Açores eram tarefa para uma vida. E num mundo cheio de opiniões, muitos perguntariam porque não coloquei esta imagem, ou aquela. Uma canseira.

[corta a negro]

Porque acreditamos que a necessidade de imagens / era mais importante que a de mistério? As imagens distraem-nos, iludem-nos, e desrealizam o mundo humano de conflitos e desejos, sob pretexto de o ilustrar. Já nada é mágico, subtil, heróico. Para que serve uma arca, então, se desaprendemos a olhar?

Cena 24. Do Fim

[tem início uma sequência em marcha invertida *au ralenti* feita de fragmentos de filmes clássicos por ordem cronológica (razoavelmente) invertida, com início na ida do Homem à Lua e fim no cavalo voador de Eadweard Muybridge; ouve-se a *Sonata para piano n.º 14* de Beethoven]





[FIM]

CRÉDITOS FINAIS

realização, argumento, montagem

ANDRÉ VALENTIM ALMEIDA

voz de

RUI OLIVEIRA

pós-produção de imagem

PAULO CUNHA MARTINS

captação voz *off* e masterização de som

RUI AIRES

ideias, excertos, frases e paráfrases

Hjalmar Söderberg, Pedro Eiras + Seminários do Fim do Mundo (ILCML), René Crevel, Sá de Miranda, Plínio o Jovem, Michelangelo, Bagavadguitá, Pedro Neves Marques, Raul Brandão (*Os Pescadores e As Ilhas Desconhecidas*), Marcel Proust, Chris Marker + Alfred Hitchcock, D.W. Griffith, Vergílio Ferreira, Lord Byron (“Trevas”, escrito em 1816 quando o Monte Tambora cobriu os céus de cinzas e não houve Verão), Jean Renoir, Czesław Miłosz, Carl Sagan, George Eliot, Roland Barthes



[os créditos finais são entrecortados com a imagem de um cavalo a andar na água]

filmes

O Mar Transporta a Cidade / Augusto Cabrita
vários / Irmãos Lumière
Mudar de Vida / Paulo Rocha
A Infância de Ivan / Andrei Tarkovski
Vale Abraão / Manoel de Oliveira
As Mil e Uma Noites / Miguel Gomes
Moonwalk One / Theo Kamecke
For All Mankind / Al Reinert
Solaris / Andrei Tarkovski
Dr Strangelove / Stanley Kubrick
Bande à part / Jean-Luc Godard
Fahrenheit 451 / François Truffaut
Mouchette / Robert Bresson
The Last Man on Earth / Ubaldo Ragona + Sidney Salkow
Noite e Nevoeiro / Alan Resnais
Viagem em Itália / Roberto Rossellini
Orpheus / Jean Cocteau
A Night to Remember / Roy Baker
Camões / Leitão de Barros
Aurora / F. W. Murnau
Nanook – O Esquimó / Robert Flaherty
O Homem da Câmara de Filmar / Dziga Vertov
Steamboat Bill, Jr. / Harles Reisner + Buster Keaton
Tempos Modernos / Charlie Chaplin
Metropolis / Fritz Lang
Fausto / F.W. Murnau
Sangue e Areia / Fred Niblo + Dorothy Aszner
O Couraçado Potemkin / Sergei Eisenstein
Alice no País das Maravilhas / Cecil M. Hepworth + Percy Stow
Viagem à Lua / Georges Méliès

música

Quinteto para Cordas em Dó maior D. 956 / Franz Schubert

Quarteto de Cordas nº13 B Opus 130 Cavatina / Ludwig van Beethoven

Loam / Podington Bear

Kol Nidrei Opus 47 / Max Bruch

Sinfonia nº 5 / Gustav Mahler

Baladas e Estudos / Frédéric Chopin

Aquela Janela Virada pró Mar / Tristão da Silva

Space Organ Ambient Music 2013-11-30 / unfa

Morning Star + Moikoi / música Aborígene (incluída no disco de ouro da Voyager)

Dark Water / Podington Bear

Quarteto de cordas nº 15 Opus 132 / Ludwig van Beethoven

Swollen Cloud / Podington Bear

Midnight City / M83

Ripped Open by Metal Explosions / Galt Macdermot

Foi Deus / Francisco José

Requiem (Agnus Dei) / Hector Berlioz

Secret Hell / dEUS

Ó Tempo Volta para Trás / António Mourão

Variações Goldberg BWV 988 / Johann Sebastian Bach

Sonata para piano n.º 14 / Ludwig van Beethoven

YouTube

Hurricane Sandy from Rockaway Beach, New York

THE MCCABE FIRE~THE GEYSERS [Part One] First Night~ Raw NewsFootage

Fort McMurray Fire 3 of 6 Front Dash Cam

Rivers of molten lava high up Pulama Pali - Kilauea Volcano Hawaii

Pico do Fogo Volcano destroyed houses

Pompeii Bodies

Japan Tsunami Memorial HD

New footage of Japanese Tsunami found
Dramatic unseen footage of Japanese tsunami
Atomic Bomb blast with shock and effects in HD
Nuclear Explosions. Trinity and Beyond. Full HD
Death Jump - Franz Reichelt jumps off the Eiffel Tower
Little Great Tit Bird Dines Off My Hand - Hand Feeding Birds
bug insect animal being existence life in my hand
Sticking HAND into BEHIVE!!!
Budgie hatching
Eadweard Muybridge, Race Horse, 1878, First Film Ever !
Анна Павлова Умирающий лебедь
Flying with Arthur Godfrey - 1953 Airlines & Passenger Planes in America -
WDTV LIVE42
_My First Rocket Launch - Voyager 2
Michael Jordan Iconic Free Throw Line Dunk
People Falling from the World Trade Center
Costa Concordia Rescue
FNH USA FN59c Shot by Sexy Girl in Bikini
EM 2016 10 Portugal Tor von Eder Zeitlupe
July 10_16 Motd Euro 2016 Final Portugal v France
Hurricane Sandy Night footage - NYC
West Kilimanjaro Wildfire in the National Forest of Tanzania 4K resolution
Пожар на Мадейре Португалия Фуншал 2016 .Fire on Madeira Portugal Funchal 2016
Flood in Bangladesh - 2014
Peru Woman barely escapes mudslide after getting stuck in debris
Battle of Donetsk Airport - Intense Combat Firefights and Heavy Clashes Fighting War in
Ukrain...
A sudden hail storm in Russia (Novosibirsk) 12.07.2014
Major Hail Storm (Oklaoma City Metro) - May 16th, 2010
DashCam Beautiful Secret Mountain Road
Mobius dashcam sunset in 1080p

Sarni through my Dashcam
Dashcam Lightning flashed across sky at night
Meteorite falling over Russia AMAZING New HQ Footage
метеорит челябинск
Caution! Birds on the Road!
Mike Fitter Predator Helmets Raw Run
Hydraulic Press vs GoPro 1-0 !
GP F1 Monza 2013 Alonso pit stop visto dai box Ferrari
Paratroopers Static Line Jump from C-17
Amazing Giraffe Birth-Cincinnati Zoo
Kodo @ Koningin Elisabeth Zaal, 17-03-2012
Mermaid Guardian of the Secret Tropical Island Cave
UNSEEN Whale breach misses swimmer
Introducing SpotMini
Death Elephant attracts scavengers
Индия 16. Дели. настоящий Дели, трущобы, горы мусора.
Solar Rain of Fire 4K
Large Iceberg Breaking near Ilulissat
Bombasti gachhpara Kishanganj bihar India flood 2016
Woman Escapes From Fast-Moving Floodwaters in Peru (HQ)
Earth Rise
Apollo 11 Saturn V Launch + Tracking
Aerial view of an atomic bomb explosion
Flying Horse [Plate 785] / Eadweard Muybridge
Horse Riding Dinas Dinlle Beach. GoPro Hero2

agradecimentos

Ana Beatriz Faustino, Annie Berman, Camila José Donoso, Claire Richard, Christopher Allen, Direção Regional da Cultura – Governo dos Açores, Duarte Ferreira, Estúdios Ribeiro (Barra e Ponta Delgada), Filipe Neves, Franziska e Jorge (Herdade do Moinho), Freesound, Fundação Calouste Gulbenkian, Helena Maria Vaz da Silva, Isabel Barrote

Dourado, Joana Miranda, Marcos Bartilotti, Mariana Rafeiro, Melina Andrade, Miguel
Pires da Rosa, *Offshore*, Paulo Cunha Martins, Pedro Matos Soares, Pópulo (Café),
UnionDocs

© Ventura Filmes 2017

Com o apoio do Governo dos Açores - Secretaria Regional da Cultura - Direcção Regional
da Cultura

Fundação Calouste Gulbenkian

Libretos



ILCML

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundos Europeus Estruturais
e de Investimento

UID/ELT/00500/2013

POCI-01-0145-FEDER-007339

ISBN 978-989-99999-3-0